

AFROBETIZAR – UMA POSSIBILIDADE DE AÇÃO EDUCATIVA A PARTIR DA AFIRMAÇÃO E FORTALECIMENTO DA NEGRITUDE EM COMUNIDADES

GESSICA JUSTINO
FRANK WILSON ROBERTO

Resumo: O presente artigo descreve o Afrobetizar, projeto de intervenção social realizado nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, localizadas na zona sul do Rio de Janeiro. Serão apresentadas as motivações que levaram à construção do mesmo, a contextualização da localidade e da comunidade e os caminhos metodológicos para as ações e alguns resultados alcançados até o presente momento.

Palavras-chave: ações afirmativas, identidade cultural e afro descendência.

Abstract: This article describes the Afrobetizar Project, social intervention project carried out in the communities of Cantagalo and Pavão-Pavãozinho, located in the southern part of Rio de Janeiro. We'll present the motivations that led to the building of it, the contextualization of the locality and the community and the methodological approaches to the actions and some results achieved to date.

Keywords: affirmative action, cultural identity and african descent.

INTRODUÇÃO

O projeto **Afrobetizar** surgiu nos diversos encontros com as crianças nos becos, nas festas, nas subidas e nas descidas do morro do Cantagalo. Foi encorajado e desafiado pelos sorrisos debochados e olhares de espanto da molecada. Era o começo de uma relação de espelhamento.

Afrobetizar, ao contrário de ser (só) uma neologia geradora de expectativas estereotipadas ligadas ao prefixo “afro”, tem por objetivo principal levar as pessoas ao reconhecimento e autoconhecimento de si a partir do que lhe é próprio, para se inserirem socialmente diante de uma condição de empoderamento de sua condição de cidadão.

Trata-se em específico de uma realidade carioca, mas presente também nos conglomerados urbanos brasileiros, onde a favela, segundo a escritora Maria Carolina de Jesus, é um “quarto de despejo” (JESUS, 1993). Assim como outras comunidades, o Cantagalo e Pavão Pavãozinho tem uma população composta em sua maioria por negros e nordestinos, associados diretamente à condição de problema social, condenados a carregar um estigma de cidadão à margem, ou como prefere Elias, *outsider* (ELIAS, 2000).

CONTEXTO E DISCUSSÃO

A favela do Cantagalo é uma das mais antigas da cidade, localizada numa das áreas mais nobres da Zona Sul, entre Copacabana e Ipanema. Pelo relato de alguns moradores, o local era um reduto de quilombolas vindos do interior de Minas Gerais e de outras regiões produtoras de Café. Estes se consolidaram na região que compreende o Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, denominado hoje de PPG (sigla que representa a junção territorial das duas comunidades). Anos depois, o local foi um ponto de resistência no momento em que as favelas da cidade foram avaliadas como área de risco e os moradores acabaram por ser removidos para a zona oeste do Rio de Janeiro. Esses locais desocupados acabaram nas mãos de grandes construtoras e se tornaram condomínios de luxo, edificações comerciais e grandes vias urbanas, em uma das áreas mais valorizadas como o entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Embora as remoções tenham alcançado seus objetivos em grande escala, o Cantagalo permaneceu, resistiu e continuou a expandir-se em números de moradores descendentes dos fundadores da comunidade, os negros quilombolas, e também as famílias oriundas dos estados nordestinos que chegavam em busca de melhoria de vida e trabalho.

Com o passar dos anos, essa presença negra, agente de uma cultura potente de manifestações artísticas populares como o samba e o jongo, se viu apartada e oprimida em sua condição favelada. Essa população tem se distanciado de uma consciência sociopolítica, pela necessidade de autoafirmação

que se viabiliza inicialmente por um recorte racial. “Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando a suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização” (HALL, 1992, p.24).

Faz-se necessário fomentar, nas crianças uma reflexão crítica sobre a situação do negro na sociedade. O Corpo como território de afirmação (da negritude) deixava de ser “meu” e torna-se do “outro”. É nele, o Corpo, onde são travadas as batalhas para a permanência no mundo. Era comum que as crianças se ofenderem uns aos outros tendo como xingamento termos como macaco, nariz de chapoca, cabelo duro e etc. Esse conflito acontece, segundo Hall (idem, p.24), pois: “em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, (...) que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais (...) cada vez mais comuns num mundo globalizado.”

O Afrobetizar foi virando uma proposta cuja intenção era proporcionar experiências onde se perceber negro passasse a ser associado à alegria, a algo positivo naturalmente. Era preciso alfabetizar a criança na negritude para que elas pudessem falar sobre suas vidas enquanto crianças negras com menos agressividade e mais carinho. Para tal, tínhamos ao nosso favor a Vontade de Fazer e a lei.

A LEI QUE “NÃO É LETRA MORTA”.

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.”

O grupo de educadores do projeto busca tornar evidente para os alunos que a tomada de consciência de cada indivíduo, a partir de seu papel enquanto cidadão ativo, pode fazer a diferença na sociedade e ampliar a perspectiva nas condições de vida das crianças. As atividades acontecem na sede do Museu de Favela (MUF) que funciona em um espaço cedido pela Paróquia Local. Esses

são parceiros que juntos entendem que a educação, ou melhor, a Afrobetização, é baseada no respeito e as diferenças são nossos agentes de integração onde ser diferente é SER.

Somos diferentes e ser igual é uma impossibilidade humana salvo a igualdade dos direitos à vida e de oportunidades de ser sem exclusão. Tendo em vista que a maior parte da população negra no Brasil nunca usufruiu desses direitos, Afrobetizar se faz preciso para mudança desse quadro social. Mais do que falar de negritude, essa forma de educar não é linear, não está nos padrões das escolas brasileiras e aplica em suas atividades o reconhecimento das inteligências múltiplas aliado à produção partilhada do conhecimento. Entendemos que todas as formas de expressão devem-se somar para a elaboração das aulas onde a criança é construtora e participante ativa, estabelecendo uma comunicação horizontal de valorização. As aulas de Danças Populares, Capoeira Angola e a brinquedoteca são interligadas a outros traços que caracterizam o Afrobetizar: Roda de bate papo, rima, leitura dramatizada, desenho e pintura, entre outras. Como protagonista de cada aula a própria criança dentro da sua realidade atual projeta sua realidade de ascensão futura, através da interação e estímulo ao protagonismo.

Algumas percepções são fundamentais para tomada de consciência dos participantes do projeto. Uma delas refere-se à própria atitude oficial e do senso comum em relação ao tema. Um exemplo que bem ilustra é o fato das escolas majoritariamente apresentarem-se como monocromáticas nas representações nos livros e histórias, apontando um nível de excludência. Se faz necessária uma ponte que supra as informações que não chegam através da escola. O Decreto-Lei nº 11.645/2008 é um avanço significativo, no entanto a realidade é que há uma defasagem na formação da geração atuante de professores, além do material didático que carrega as informações necessárias chegarem nas escolas a lentos passos. A descompasso da aplicação efetiva desse novo paradigma metodológico e conceitual se potencializa mais por existir uma cobrança para que a lei seja respeitada ao mesmo tempo que faltam metodologias para aplicá-la.

Nesse ponto, as universidades têm um papel fundamental, pois podem fomentar essa discussão tanto nas ações curriculares através da criação e atualização de disciplinas e programas que atendam essa demanda, como em projetos de pesquisa e extensão que estreitem os espaços entre a universidade e a sociedade.

Como a necessidade do projeto era invocar experiências profundas e intensas, o principal meio foi provocar sensações com o corpo, trabalhar com corporeidade, não no sentido só do movimento de dança ou de capoeira e sim na capacidade

de ter consciência e acesso às possibilidades corporais. Isso leva as crianças a assumirem espaços nos quais tradicionalmente não estão inseridas, a terem poder de posicionamento político e responsabilidade social, ambiental e cultural.

Nos primeiros momentos do projeto, as crianças tinham rejeição à aparência dos educadores, diferentes do padrão já conhecido por elas. A equipe é composta por negros que cursaram ou estão na universidade realizando projetos de sucesso na vida, e tem como intuito trabalhar o protagonismo negro e inverter o processo histórico brasileiro que deprecia e minimiza a representatividade negra. Sendo os professores referências de um ideal comumente não alcançado por negros, desperta nas crianças outra perspectiva na vida.

A PROPOSTA METODOLÓGICA

A proposta metodológica era de que as aulas – ou vivências – não fossem verticalizadas e sim uma produção partilhada de conhecimento respeitando as inteligências múltiplas onde o educador propõe e também permite que a criança traga informações do seu cotidiano e insira na atividade. Essas vivências são preparadas para serem aplicadas de forma progressiva, de forma que seja flexível para essas intervenções. Partiu-se de temas que tem como ponto de partida algum elemento da realidade local e este é desdobrado para muitas possibilidades: Do funk chegamos no jongo, que levou a rima que ligou ao rap, que descobriu o repente. Do passinho ao frevo, que mixou com movimentações da capoeira... que de repente chega ao mineiro pau e conecta de novo com o passinho. Entre tudo isso o mais importante é que a transmissão dessas manifestações é calcada do contexto histórico pela qual cada uma foi criada e sua aproximação com a vida cotidiana de cada criança.

Lidar com experiências corporais é ativar um caminho infinito de emoções e questões psicológicas, por isso não nos foi só suficiente estar nas atividades. Pela percepção de aspectos ligados àquele cotidiano como *adultização* precoce, violência e miséria, concluiu-se que uma tarefa fundamental para esse processo era aproximar e incluir a família e a escola. A partir desse ponto, o roteiro diário de buscar cada criança nas suas casas criou a oportunidade de conversar com os pais para conhecer sua realidade de dentro, buscar soluções e principalmente nos tornamos parte da família. Esse elo de confiança foi extremamente importante. Por outro lado, temos em torno de 10 das 30 crianças que, por indisciplina, foram convidadas a se retirar da escola. No entanto, não

observamos nenhum comportamento em nossas atividades que justificasse o afastamento. Mesmo após visitar algumas escolas e conversar com diretoras e orientadoras educacionais, não obtivemos a presteza necessária. Será que a escola monocromática está pronta para flexibilizar o olhar e fluir de acordo com a realidade dos seus alunos?

RESULTADOS PRELIMINARES E PROJEÇÕES

Em dois anos de projeto o maior resultado não tem sido uma alta performance física nas atividades, mas principalmente a elevação da autoestima de cada criança, expansão do olhar para o mundo e de possibilidades de escolhas para o futuro. A aferição desse resultado não é calcada em um processo quantitativo, mas através da percepção da adesão, permanência e mudança de atitude dos jovens envolvidos.

Outro apontamento importante é a flexibilização e adequação da metodologia aos caminhos que vão sendo direcionados com o andamento real do projeto, solidificando na prática o que a teoria indica, criando uma via de retroalimentação. Nesse aspecto, o ganho maior é na formação contínua dos educadores envolvidos no projeto que, ao proporem mudanças, estão experimentando essas neles mesmos.

CONCLUSÕES

Com isso concluímos que não basta dizer que é bonito ser negro, contar histórias de heróis negros ou falar de um continente africano romantizado. Essas crianças precisam viver uma experiência sensorial no corpo, uma experimentação positiva para que interiorizem esse sentimento de valorizar a si e conseqüentemente a própria cultura. Entendemos que é importante que as crianças e jovens tenham contato com o que outros brasileiros semelhantes em identidade produzem como cultura e como isso é fundamental para o rompimento de uma condição marginal enquanto cidadãos. Mais do que uma condição individual, é primordial um sentimento coletivo de pertencimento a um coletivo que, no todo, compõe a tão exaltada nação brasileira.

“O Homem só é inteiro quando brinca e é somente quando brinca que ele existe na completa acepção da palavra Homem.”

REFERÊNCIAS

Elias, Norbert. Introdução. In: Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Zahar 2000.

Hall, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2013.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A, 1992.

Jesus, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, Série Sinal Aberto, 1993.

Peres, Marta Simões. *Paratodos. Diversidade, dança e saúde*. in Ferraz, Wagner e Mozzini, Camila. *Estudos do corpo: encontros com arte e educação*. Porto Alegre: Indepin, 2013.